

Dra. Cristina Curiel Castelazo.  
Congresso FEPAL Montevideu 2020.

### **O trabalho comunitário na formação psicanalítica.**

Boa tarde, meu nome é Cristina Curiel, eu pertenço à Sociedade Psicanalítica do México, e estou aqui como representante da coordenação do grupo de estudo Psicanalistas na comunidade, aprovado pela FEPAL no mês de março do ano em curso.

O grupo tem como propósito reunir-nos para socializar nossas atividades na comunidade e com ela, assim como trabalhar nas adaptações do cenário e das intervenções com dispositivos psicanalíticos. Nós nos colocamos nas características da escuta e do sujeito, nos âmbitos hospitalares, escolares e de emergências.

Nós nos concebemos como psicanalistas, trabalhando na comunidade e propiciando a construção de conhecimento, dentro de uma coletividade de trabalho, que começou a formar-se a partir do conhecimento próximo de alguns de seus membros, quando o Congresso Fepal foi realizado em São Paulo, no ano de 2012. Contamos então com a colaboração do Dr. Marcelo Viñar e seus colegas da APU, com a Dra. Maria Teresa Naylor Rocha, do Rio II, Brasil, e de Isabel Mansione e Diana Zac, do APdeBA.

Aproximadamente no ano de 2018, no mês de maio, pensando no Congresso FEPAL em Lima, e através da generosa contribuição da Dra. Alicia Briseño, da Sociedade Psicanalítica do México, armamos um primeiro grupo de colegas que trabalham na comunidade e com ela, nos aproximamos e preparamos dois painéis para o congresso, no que fomos acompanhados por numerosos colegas.

A esse grupo, foram-se incluindo miembros de diferentes sociedades do México, Argentina, Brasil, Uruguai e Peru, baseando-nos na proximidade e no conhecimento que nossos colegas tinham uns dos outros. Estamos convencidos de que a vida é uma vida

em vínculo, e nesses vínculos se cresce, lema tanto para nós quanto para os que são destinatários das nossas ações.

Posteriormente, no ano de 2019, nos reunimos pela primeira vez em Buenos Aires. O encontro começou com um painel integrado pela Presidente da IPA, a Dra. Virginia Ungar, a presidente da FEPAL, Dra. María Cristina Fulco, a Vice-reitora acadêmica do IUSAM da APdeBA, Dra. Sara Zac, o presidente da APdeBA, Dr. Carlos Nemirosky, e a presidente da Secretaria de Comunidade e Cultura da FEPAL, Lic. Laura Katz. Todos eles ofereceram um amplo apoio à constituição deste grupo de estudo, que corresponde aos modernos conceitos de rede, por estar em comunicação e contribuindo uns com outros com os conhecimentos, tanto de gestão quanto de intervenção, e aqueles que se constróem da pesquisa à ação.

O propósito do conjunto dos projetos e intervenções na comunidade é favorecer a presença do olhar e da escuta psicanalítica, nos âmbitos em que eles trabalham; desta maneira, pode-se oferecer à comunidade com que trabalhamos a possibilidade de entender e desenvolver ações, vivências e experiências em seu registro subjetivo e intersubjetivo, para sua tramitação.

Em nossas reuniões, surgiu a inquietude de contribuir para trazer à formação psicanalítica um espaço sistemático de formação para os candidatos, e em geral para os colegas interessados em trabalharem na comunidade. Pensamos que se requer não apenas conhecimento dos diferentes dispositivos para captar o inconsciente, mas também formação acerca da psicologia dos grupos e das instituições, assim como da formação do psiquismo coletivo, dos preconceitos, das teorias implícitas, das lógicas dos diferentes atores institucionais ou grupos.

Nós constituímos um modelo de identificação para a leitura dos conflitos, para a busca de soluções esperançosas, para não desmotivar-nos em meio a tanta adversidade, mas para abrir espaços de trabalho conjunto com a comunidade, porque os problemas coletivos precisam de respostas coletivas, e a elas deve somar-se o interdisciplinar, a

olhada psicanalítica e outros olhares, pois isto enriquece a psicanálise e se enriquece com a psicanálise.

Entendemos que esses trabalhos na comunidade fornecem desde diferentes dispositivos psicanalíticos (o olhar, a escuta, a intervenção), as bases do pensar e das relações intersubjetivas onde se vive e se cresce. Igualmente, alguns projetos deste grupo correspondem a pesquisas sobre temas comunitários. Em cada um desses países a que nós pertencemos, há tradições de pesquisa e intervenção, onde o instituído e o instituinte dialogam com as mudanças da época.

O trabalho com a comunidade exige a humildade de incorporar diversos saberes de outras disciplinas e uma reflexão permanente acerca das ideologias que fazem a distorsão da construção do objeto de conhecimento. Portanto, a presença de um espaço para difundir os marcos teóricos e as técnicas de trabalho na comunidade, dentro da formação psicanalítica, propicia desenvolvimentos psíquicos e sociais dos candidatos para trabalhar extramuros, com habilidades de comunicação interdisciplinar, análise e reflexão sobre posturas etnocêntricas, e um espaço privilegiado para a maturação do narcisismo.

Nosso sujeito de trabalho é a comunidade, e isto nos exige pensar e agir a partir de uma responsabilidade social comunitária. É um trabalho esgotante, que requer espaços onde os que já trabalharam no campo possam elaborar suas contratransferências. Em geral, o trabalho ocorre com populações vulneráveis, não só do aspecto econômico mas também do ponto de vista cultural, social, emocional, e ali a crueldade deve ser amortizada, para orientar a vida dos sujeitos na possibilidade de um clima esperançador.

A problemática abordada se vincula, em boa parte, com as consequências que os processos de fragmentação e exclusão psicossocial deixam, não referentes exclusivamente à variável econômica, mas sim, com referência aos ambientes em que o desenvolvimento humano sucede, na constituição da subjetividade e da intersubjetividade.

Nas comunidades, é frequente o desencontro de expectativas, o enfraquecimento da autoridade, a presença de legalidades paralelas, de exigências sem reconhecimento, de danos sem reparações, de ocultamentos e de mentiras. Tudo isso produz uma classe de sofrimento que, em geral, não consegue expressar-se como tal, se não contar com esses dispositivos.

É um desejo compartilhado que, através dos projetos comunitários, possamos contribuir para a criação de condições e vínculos adequados para o cuidado da vida, dos grupos e organizações nas quais a vida ocorre (família, escola, hospital, bairro, clubes etc.), fornecendo os nutrientes adequados.

Um de nossos objetivos como grupo consiste em convidar os diretores dos Institutos de formação psicanalítica para encontros, com o efeito de criar na formação psicanalítica, ali onde eles não existem, seminários para a formação dos candidatos interessados no trabalho na comunidade.

A ideia é trabalhar pela inclusão de um espaço na formação psicanalítica que permita incorporar, compartilhar e divulgar marcos teóricos e dispositivos de intervenção na comunidade, que nós construímos e pusemos em prática.

Também, a partir desse espaço, se pode enriquecer a formação de colegas para o trabalho na comunidade, gerando desta maneira a visibilização da psicanálise, vivificando-a e garantindo-lhe uma via de continuidade.

O psicanalista se enriquece a partir do trabalho comunitário, que o atravessa, o ajuda a integrar a teoria com o contexto e a empatia, convida-o a compreender a transferência dos beneficiários que investem, não diretamente no analista, mas no espaço e no conceito da intervenção, que representa para as pessoas atendidas um espaço para pensar, sentir, criar e elaborar.

Os analistas em formação se beneficiam enormemente, portanto, da experiência comunitária, e constroem em seu exercício profissional e ético a responsabilidade social inerente à prática psicanalítica, e a possibilidade de prevenir que surjam situações que no futuro seriam mais difíceis de resolver, e que acarretariam um sofrimento que se pode evitar.

Ao enfrentarem-se com os elementos estabelecidos socialmente, os analistas em formação se enfrentam também com inconvenientes como o já conceitualizado, tanto pelo psicólogo Vygotsky quanto pelo sociólogo Bourdieu: a sociedade nos transmite os instrumentos para pensar, pelo que devemos fazer um grande esforço para desnaturalizar o que a sociedade naturalizou. Isto sucede, por exemplo, ao ver a violência intersubjetiva, em que simplesmente se falava de machismo, e é um processo ao qual Freud também recorreu, e desnaturalizou o preconceito da histeria, tirando dela o enfoque de loucura, para entendê-lo dentro de um contexto familiar e pulsional.

A formação psicanalítica, pensada a partir do nosso grupo de estudos, é um organismo vivo, e como tal sofre transformações. Embora as instituições tendam geralmente a estabilizar o curriculum, nós propomos continuar com algumas alterações para vivificar a psicanálise e fazê-la dialogar com as mudanças da época e com o trabalho extramuros. Propomos espaços que permitam aos analistas em formação conhecer a diversidade em todos os seus matizes (diversidades de lógica, de cultura, de interações, de experiências de vida, diversidade de gênero etc.), de tal maneira que o psicanalista possa imaginar os processos psíquicos e sociais com a riqueza de um acervo conceptual em movimento. Este é um requisito prévio para poder trabalhar pela inclusão, já que sabemos das consequências que a fragmentação e a exclusão social deixam, principalmente em sujeitos com escassos recursos, para enfrentar a adversidade.

Bibliografia.

Galende, E. (1990) **Psicoanálise e saúde mental**. Buenos Aires: Paidós.

Egas, V. y Salao, E. (2011). Trabalho comunitário de uma perspectiva psicanalítica. Um acompanhamento na construção grupal de saberes. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociais, Infância e Juventude**. Vol. 2 (9). Pp. 899-911.